

## **Educomunicação, ecologia e cidadania: vivências na Cidade Escola Ayni<sup>1</sup>**

Carine Filippi Chiella NICHELE<sup>2</sup>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

O presente resumo descreve a trajetória da pesquisa de dissertação, cujo objetivo foi investigar as apropriações das práticas comunicacionais e educativas por sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni (Guaporé – RS), buscando compreender como essas práticas contribuem para a construção de processos educacionais e de cidadania vinculados à ecologia. Os resultados indicam que há um processo educacional em amadurecimento na escola, destacando a importância de reforçar os debates críticos sobre a questão ambiental para promover a construção de uma cidadania ecológica plena.

**PALAVRAS-CHAVE:** práticas comunicacionais e educativas; sujeitos educandos; processos educacionais; cidadania; ecologia.

### **INTRODUÇÃO**

Quando iniciei o mestrado, decidi realizar uma pesquisa que pudesse trazer reflexões sobre comunicação, educação, cidadania e ecologia. Carregando em minha história de vida experiências acadêmicas que discutiam sobre consumo consciente, tive a oportunidade de conhecer a Cidade Escola Ayni, cenário empírico onde a pesquisa de dissertação foi desenvolvida.

A Ayni é uma escola contraturno da cidade de Guaporé – RS e tem uma proposta diferente sobre educação, onde se preza pela liberdade de ser das crianças, com um ambiente disruptivo. As salas de aula são ateliês, as crianças têm acesso a todos materiais livremente e podem também brincar no bosque e ir na agrofloresta. A Ayni tem como pilares a educação, a economia e a agroecologia. Dessa forma a escola atua promovendo a educação libertadora, reforçando a importância de uma economia sustentável e trabalhando em defesa do meio ambiente.

Durante a pesquisa, assumi os sujeitos copartícipes como educandos, pois na Ayni todos estão em mútuo aprendizado: fundador, educadores, pais, crianças, voluntários e a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Cenecista de Bento Gonçalves. E-mail: carine.nichele@hotmail.com.

---

comunidade. O *educando comunicante* é um sujeito histórico e multidimensional, constituído de experiências únicas e atravessamentos comunicacionais e midiáticos que afetam sua compreensão sobre a temática ecológica. Por isso, defini como problema de pesquisa: de que forma os sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni (Guaporé – RS) se apropriam das práticas comunicacionais/educativas e que aprendizados constroem na perspectiva de construção de cidadania vinculada à ecologia?

Levando em consideração que no ano anterior apresentei a pesquisa no Intercom em Minas Gerais e discuti as questões teóricas com maior ênfase, nesta oportunidade direciono meu foco para compartilhar os movimentos empíricos e resultados da investigação.

## **CONTEXTO E TEORIAS**

A construção teórica da pesquisa iniciou com a contextualização, onde faço uma crítica ao modelo desenvolvimentista, proponho repensar o conceito de desenvolvimento sustentável, trato sobre a educomunicação socioambiental e por fim compartilho sobre a cidade de Guaporé e a realidade vivida na Ayni.

A partir dessas discussões pude constatar como a preocupação do desenvolvimento está muito mais relacionada à economia do que às pessoas e à natureza, por isso a importância de desenvolver alternativas que provoquem os cidadãos a refletirem sobre a realidade em que vivem, desde a infância. Dessa forma, chego às teorias abordadas na pesquisa, que foram educomunicação, sujeitos comunicantes e apropriações comunicacionais e midiáticas e cidadania vinculada à ecologia, buscando uma abordagem crítica a partir de autores latino americanos.

Assumo a educomunicação como forma produtiva de produzir conhecimentos relacionados ao meio ambiente, a partir de atividades que provoquem diálogo, autonomia, criatividade, reflexão e criticidade. Reforço a importância dos sujeitos comunicantes enquanto partes fundamentais da pesquisa e do processo educacional da Ayni, com seus saberes prévios sobre ecologia e suas vivências como configuradoras da aprendizagem e desejo de mudança em relação às práticas ecológicas. Quanto à cidadania vinculada à ecologia, entendo a urgência de mudança de comportamento perante a crise ambiental, como também a necessidade de nos assumirmos como parte de um todo.

## **METODOLOGIA**

A compreensão da metodologia foi construída a partir da vertente transmetodológica (Maldonado, 2015) por poder proporcionar ajustes, uso de métodos mistos e diálogo com outras áreas do conhecimento. Durante o processo de investigação realizei a observação detalhada das dinâmicas da escola, mantive um diário de campo e fiz um levantamento fotográfico. Empreendi uma pesquisa participante, onde participei do programa de voluntariado da escola por 15 dias e também participei de 3 cursos ministrados na escola. Buscando contato com pessoas que participam da escola, realizei entrevistas com 11 adultos e propus uma conversa coletiva com crianças em uma oficina criativa.

## **REFLEXÕES**

Para um projeto de educomunicação socioambiental, se faz necessário um ambiente interativo e democrático para a produção de conhecimento em comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade. Isso pode se apresentar de diversas formas, seja com projetos de preservação, cartilhas informativas, atividades culturais, vídeos, fotos, textos, desenhos, mídias sociais, enfim, formas de discutir o tema da ecologia focando na realidade dos educandos, para que percebam no seu dia a dia esses aspectos. As práticas educacionais são voltadas para um aprendizado genuíno, que se conecte com a vida dos educandos, por isso se critica o modelo educacional tradicional, que vê os educandos como receptores de conteúdo (Freire, 1987).

A pesquisa exploratória teve início com os ambientes digitais da Cidade Escola Ayni, analisando os materiais, vídeos e participando de *lives*. Participei do grupo de membros onde tive acesso a materiais desde a idealização da escola. No ano de 2023 presencialmente participei de 3 cursos ministrados pelos educadores da escola onde tive contato com o dia a dia e as dinâmicas que acontecem na Ayni e no final de 2023 eu fiz parte do programa de voluntariado por 15 dias, onde trabalhei na parte de infraestrutura, limpeza e agrofloresta.

No caso da Ayni, acredito que quatro espaços especificamente fornecem pistas da dimensão ecológica vivida pela escola: bosque, ateliês, agrofloresta e banheiro

---

sustentável. Citar esses espaços faz sentido para mim, porque o bosque em que a escola foi construída é no meio da cidade e no momento que se entra nesse lugar, o barulho da cidade parece desaparecer, só se sente a natureza. No caso dos ateliês, a configuração é completamente diferente de uma sala de aula, são construídos em bioconstrução, a disposição de mesas e cadeiras é circular e em grupo e os materiais estão sempre na altura das crianças. A agrofloresta é onde é feito o manejo de plantas diversas, flores, árvores frutíferas, horta, cogumelos, ervas e temperos, enfim, onde acontece o contato direto com a terra. E o banheiro sustentável é um banheiro seco, não faz uso de água para a descarga. Um processo simples e eficiente que economiza muita água.

## CONCLUSÃO

Tanto nas minhas observações como nas entrevistas sempre procurei direcionar meu olhar para a dimensão ecológica dos processos comunicacionais e educativos da Ayni. A partir disso, durante as imersões na escola alguns pontos ficaram claros, como o sentido de coletividade, participação, autonomia, o aproveitamento dos materiais, as noções sobre economia e descarte correto do lixo, o cuidado, limpeza e organização dos espaços, a relação genuína com a natureza, o respeito a todas formas de vida na natureza e o incentivo de uma alimentação saudável.

Como carências, percebi que a agrofloresta é um espaço que pode ser melhor utilizado, porque atualmente quem mais frequenta esse espaço são os adultos. A atuação em turno único também é um ponto negativo, porque limita o número de educandos que têm acesso a escola. O voluntariado dos pais é em horário comercial e isso pode ser difícil para conciliar com o trabalho, já o programa de voluntariado tem como requisito que as pessoas fiquem na casa do voluntariado, o que pode inibir a participação de determinados perfis de pessoas.

É nítido o esforço educacional para uma comunidade escolar mais consciente em relação ao meio ambiente, porém, durante as entrevistas percebi que muitas visões sobre a questão ambiental são vinculadas ao senso comum. Senti falta de um aprofundamento crítico sobre as questões sociais e políticas que estão diretamente ligadas à crise ambiental. Como contradições, por exemplo, o fato de a escola estimular um consumo consciente, mas ainda assim depender da roda capitalista para sua manutenção financeira com os cursos, *souvenirs* e recentemente a inauguração do hotel. Além disso

existe a questão de quem participa da escola, porque muitas famílias estão lá desde a abertura e outras famílias ficam em lista de espera. Ainda assim há um nítido distanciamento da comunidade local com o projeto.

Apesar disso, concluí que os sujeitos educandos da Ayni se apropriam de práticas comunicacionais e educativas da escola de distintas maneiras, cada um dentro de suas possibilidades e de sua realidade. Essas apropriações colaboram na construção de saberes relacionados à ecologia, juntamente das vivências e história de vida de cada sujeito. Assim entendo que se conduz o processo de aprendizagem de uma cidadania ecológica, que apesar de não ser plena, está em construção e amadurecimento.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015.